

A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Director — F. M. Raposo d' Almeida.

VOL. II.

DOMINGO, 31 DE AGOSTO DE 1856.

N. 37.

PARTE LITTERARIA

As Conferencias do P. Ventura.

Duas polemicas litterarias, agitadas no jornalismo diario, tem atraido e prendido a curiosidade publica. O *Ig.* do *Diário do Rio*, e o *Agrippa* do *Correio Mercantil* tem-se tornado a ordem do dia nos circulos dos litteratos e dos leitores curiosos: vamos tambem, por nosso turno, e em nome da *Semanai*, manifestar a impressao que nos tem causado essas criticas litterarias, especialmente as do cavalheiro, que tomou por viseira do seu capacete o pseudonimo de *Agrippa*,

Reconhecemos a necessidade da critica litteraria. Quando circumspecta e illustrada é ella o pharol, que avisa o navegante dos recifes que tem a evitar, quando mal intencionada é o facho incendiario, que, embora não abale a solidez do edificio, tisna com laivos enegrecidos as suas melhores decorações.

E' por isto que receamos; mas não tememos a critica litteraria. Em geral, entre nós, ella não tem exercido o seu devido sacerdocio: degenera em *charivari*, por que ou se eleva ao septimo céo a produçao vulgarissima do afeiçoado, ou se desvirtua o escripto precioso e recommendavel dos talentos superiores. Os Gustavos Planches e os Lopes de Mendanha são raros entre nós: os zoiros, os Aristarchos, os poetas de outeiros e de lumiarias abundam: no Egypto da litteratura há muitos d'esses gafanhotos.

Talvez seja por isto que a nossa litteratura está tão pobre e orphã de bons ingenhos. De um dia para o outro veem-se as mediocridades arrastadas em bombasti o triumpho pelas columnas do jornalismo, que faz *publicações a pedido*; de um dia para o ou'ro o litterato, que levou annos no seu gabinete, a meditar e escrever um livro, ou é acochado com esmagadora indifferença pelos membros da confraria egoistica, ou vitoriado com espadanas de lama pelos sabios de mez e meio.

Com estes precedentes, com estes exemplos, reproduzidos quasi todos os dias, a litteratura tem calido n'uma estagnação desanimadora; os homens de ingenho envergonham-se da herança que Deos lhe repartiu: deixam crescer as urses e os cardos no terreno, que devia brotar flores e fructos.

Os dous factos de polemica litteraria, que ultimamente se tem agitado no jornalismo diario, copiam fielmente o perfil caracteristico d'esta qua-

dra, d'esta conjectura do nosso estado intellectual e litterario.

O Sr. Dr. Magalhães apresenta-se com um poema, fructo de annos de estudos ethenographicos, resultado de alguns annos de trabalho e meditação, expressão de intima saudade da querida terra da patria, aspiração litteraria de um engenho que ha muitos annos honra as letras; exemplo, emfim, de consagrarse a poesia a assumptos nacionaes. Em nosso entender a *Confederação dos Tamoios* é a primeira enchedada applicada á crusta d'essa mina por explorar da litteratura nacional, de que o Sr. Joaquim Norberto tem sido o precursor, e de que os futuros ingenhos hande ser os apostolos.

E como é recebido o poema, que é um esforço, um empenho do litterato e do patriota?

E' espedaçadora e funesta a recompensa com que o jornalismo correspondeu a tão acrisolados esforços. O *Ig.* foi o campeão que se apresentou na estacada, de capacete negro e viseira bem cahida, não justando, não esgrimindo, mas reptando para um combate de vida ou de morte. Ainda bem que o tem feito com urbanidade e talento, guardando o possivel decoro da imprensa, e agrandando, mesmo fascinando com o seu estylo brilhante, facil e eruditó.

O Sr. Conego Pinto de Campos, havendo lido as raras e monumentaes obras do São João Chrysostomo dos nossos dias; e, impressionado pela eloquencia poderosa d'este novo padre da igreja, concebeu o nobre empenho de vulgarisar, de dar a conhecer, de copiar as imagens grandiosas d'esses grandes vultos litterarios, a que se chama *Conferências* do padre Ventura.

Que crime cometteria o artista, que fosse a Roma visitar os monumentos das artes; e, não podendo trazer para a sua patria o Moises de Miguel Angelo Bouonoroti, os cartões de Raphael ou as estatuas de Canova, as copiasse para o seu album, e depois repartisse as copias pelos amigos, pelos concidadãos, que não podiam ir a Roma admirar os originaes?

Cremos que em vez de crime praticará uma louvável accão, que em vez de censura mereceria um justo louvor. Não trouxe o original, mas trouxe a imagem, embora um ou outro perfil não fosse bem copiado, embora se dessem descuidos n'uma ou n'outra prega do vestuario: a copia é a imagem: a traducção é a semilhança.

Eis aqui como encarámos as versões do Sr. Pinto de Campos, e é como considerámos as traduções em geral.

Uma boa traducção é a pedra de toque em todas as litteraturas; e no entanto é um esforço inglorio.

N'um espelho bem calçado pôde-se estampar a imagem do objecto, mas os lados da direita e da esquerda sempre se trocam: as boas traduções são as que se consideram uma obra original.

O grande poeta Hanibal Caro, o secretario illustre dos Farnesis, fez a melhor traduçâo, que até hoje se conhece de Virgilio: excedeua até a de Clemente Bondi; mas os criticos tem sido concordes em decidir, que a traduçâo de Caro importa uma obra original. O texto latino desaparece muitas vezes para ser substituido pela musa do traductor; e a traduçâo tem de seis a sete mil versos mais do que o original. Assim tambem a *Eneida* de João Franco Barreto, assim os *Martyres* de Chateaubriand por Filinto Elísio, assim as diversas traduções de Bocage, assim o Ouvidio do Sr. Castilho, que os litteratos tem mais na conta de originaes do que de traduções. Ha muitos annos que os franceses traduzem os classicos latinos, e nem o proprio Nisard tem conseguido preencher satisfatoriamente esta lacuna: muitas vezes o traductor substitue ao auctor traduzido.

As traduções do Sr. Pinto de Campos poderão ter descuidos, poderão ser menos castigadas, serão como o esboço, com a copia do artista que viaja e que quer levar no seu album a idéa do monumento que vesita ou as formas da estatua que admira; mas nem por isso deixam de ter merito litterario. Horacio disse na sua immortal arte poetica—*Nec verbum verbo curabis reddere fidus interpres.*—O Sr. Pinto de Campos foi impressionado pelo fundo das obras do padre Ventura, e não pela forma: o seu empenho de vulgarisar essa nova forma de pregar, esse novo systhema de argumentaçâo, essa nova explicação e applicação dos evangelhos, é um inquestionavel titulo de gloria, que lhe hâde relevrar qualquer falta venial ou accidental.

O padre Ventura era apenas conhecido de um ou outro curioso, que a muito custo havia alcançado uma ou outra de suas obras; mas desde que o Sr. Pinto de Campos nos deu um especimen do eloquente orador n'uma das folhas mais lidas do imperio, o interesse se despertou e a *Razão Philosophica*, as *Mulheres do Evangelho*, as *Homilias da paixão* e a *Mulher cathólica* já ornam algumas livrarias.

E' pois um serviço real o que prestou o Sr. Pinto de Campos, vulgarisando o primeiro orador do catholicismo. A azeda critica de *Agrippa* não o deve desaninar, antes lhe deve dar novas forças para prosseguir na carreira encetada. Em todos os artigos de *Agrippa* revela-se, manifesta-se, ostenta-se mesmo, alguma animosidade pessoal impropria das questões litterarias. Quem tiver acompanhado esta questão terá reconhecido, ao primeiro intuito, que o *escripto* é o meio; mas que o *escriptor* é o fim.

Repetimos mais uma vez: não esmoreça o Sr. Pinto de Campos no empenho, que voluntariamente contrahiu, e que agora lhe corre o dever de prosseguir. Não o assuste as repetidas dificuldades do texto frances:—*ubi plura nitent non ego paucis offendar maculis.*

Conviria que os seus primeiros esboços, expostos no jornalismo, fossem ao depois castigados e convertidos em livro: era um serviço que a Religião e a litteratura lhe ficariam a dever; e os amigos de uma e outra a agradecer.

Se o Sr. Pinto de Campos, em vez de empenhar-se n'uma polemica, já de si azeda, e despeitada, proseguiu no seu empenho de vulgarisar o padre Ventura, os homens imparciaes o bemdirão: o seu nome terá mais um titulo de recommendação, o seu gratuito antagonista uma decepsão.

Poderá este, porém, ter igual titulo de recommendation, se em vez de buscar agulha em palheiro, para com ella espicaçar um desafecto, escolher uma das obras do padre Ventura e mostrar ao Sr. Pinto de Campos e ao publico, como deve practicamente tradusir-se.

Em quanto não tomar tal expediente, damos preferencia ás menos cuidadas traduções do Sr. Pinto de Campos, do que ás menos generosas criticas do illustrado *Agrippa*.

F. M. RAPOSO d' ALMEIDA.

Reflexões moraes.

I.

Quando a razão se eleva, e vai abrigar-se toda no vasto mundo da consciencia moral, quando a attenção da intelligencia se fixa em um ponto como para d'ahi traçar todas as linhas, que tecidas, formem o programma de seus deveres, manifestando-se assim toda a natureza de nossa alma, toda a sensação de nossa comprehensão intellectual: por certo que o espirito vacilla, e cede ao peso de tantas impressões que lhe avisam da degradação em que a natureza e corpo, intelligencia e vida, educação e instrucção se vão deixando arrastrar.

E falla-se em regeneração!... Sim, esta luminosa idéa está concebida, essa consequencia de todos os factos que tem constituido o caracter das idades politicas, e o timbre das associações, tem em verdade dirigido alternativamente as causas de todas as nossas relações physicas e moraes; mas se aparecesse o grito heroico, que electrisando todos os corações, proclamasse o triumpho da intelligencia, ainda assim um brado talvez mais forte se ergueria tambem, contra o triumpho que trouxesse a regeneração da educação e da instrucção!

Sim, que a moral não repercute em suas maximas, senão a santidade de nossos deveres cumpridos para com aquelles que tambem nos devem iguaes direitos, e não concentra em um só ou em predilectos o poder e a força, a vontade e o gozo.

O que é esta época?

Porque raciocina a moral contra as doutrinas que tem tanto sacrificado a intelligencia e o sentimento?

Perguntai ao universo; e a consciencia do homem, senhor da natureza e filho de Deos, estremecendo vos apontará—o individualismo ou antes o egoísmo, como os representantes senão os dominadores do seculo!

A peleja não cessa e ha um phrenesi que se não acalma....

D'aqui sustentam-se maximas de uma politica governativa, que não podem subsistir porque immediatamente são derrubadas; d'ali erguem-se opiniões que nem trazem o cunho da sã philosophia, e são suffocadas por aquelle outro bando.

Os debates litterarios, as questões scientificas, não quizerão enrobustecer-se de convicções, porque não trazão a liberdade e a virtude de suas crenças, e por sua vez escoaram-se, ou tambem deixaram-se vencer pela monstruosidade da época.

O coração do homem, mirrado de caprichos, pelos quaes se deixou vencer, sempre sequioso, e bebendo na envenenada fonte de pervertidos abusos e malvadezas da sociedade, perdeu e sacrificou toda a sua generosidade, e hoje não ha verdade que lhe falle á alma, indiferente a tudo, só se congraça e se entrega, ao grande e hediondo principio — a sua *conveniencia*!

Que seculo!

Onde está então essa luz divina que se despede do Céo, e que enviada por Deos vem pairar sobre o homem, e que se chama intelligencia ou razão, consciencia ou sensação?

Onde está o progresso, onde a civilisação, onde a lei natural, onde a manifestação de todos os direitos que constituem a liberdade, a igualdade, a segurança, e a propriedade?

Persuadi profundamente, se o podeis, philosophos regeneradores dos povos, persuadi aos egoistas que o christianismo ensina a abnegação do amor proprio, que estraga e corrompe as cordas da sensibilidade e o amor do proximo, ainda mais quando pobre, e sem auxilio, ou da lei ou dos homens: explicai e plantai a philanthropia, como a verdadeira philosophia social; e se tiverdes conseguido o triumpho de vossos argumentos, á fé que vos provarei que não o conseguistes da geração actual, não, que nem o progresso das sciencias e das artes, nem as brilhantes phases da razão intellectual, nem a educacão, nem a moral, nem o christianismo tem arredado dos porticos da civilisação, o abominavel estygma que pesa sobre o seculo, o *egoismo*.

Mas onde está a regeneração? Dorme indolente, no berço do indifferentismo, e parece soffrer o peso desse que a suffoca, porque, tem antes querido transformar a sua natureza essencialmente nobre e digna, na materialisação de uma existencia sem gozos, sem verdades, sem resultados, sem vantagens em beneficio do universo que a deseja, e que de continuo clama — regenerai-nos e deixai-nos

viver sem oppressão, sem desgostos, sem dôres, e sem martyrios!

E quanto é lastimada a herança que nos foi legando a desmoralisação representada pelo individualismo, pelo egoismo?

E ainda acreditaes que as sociedades se não agitem, e que de suas crenças, de sua moral salva pela religião da intelligencia, senão levante uma crusada formidavel que venha pregar — a fé — e que estreitanto os laços estabeleça igualmente o grande principio de reagir contra o egoismo?

Sem duvida: não será um phenomeno, é a consequencia do justo; não será uma fatalidade, é a razão fundamental do direito; não será um crime, é a voz da consciencia, porque é a liberdade tão nobre e independente, como a intelligencia.

B. D. P.

PARTE POLITICA.

Situação politica.

Segundo o testemunho de muitos viajantes, reina, nos areaes da Lybia, um suão tão pesado e crestador, que os infelizes que o respiram parecem esmagados, e como victimas de um horrivel peso desse: muitos appellam para a morte como recurso de salvação.

Em referencia á politica estamos nos areaes da Lybia. Uma duvida inquietadora, uma existencia social, hybrida entre a agonia e a morte, a desconfiança nos homens, a versetabilidade dos chefes, a prostituição da imprensa, a indiferença religiosa, tal é o aspecto assustador da actual situação politica do paiz. Depois da vertiginosa febre das saturninas eleitoraes, das vesperas cicilianas das conquistas officiaes, um torpor de mortifera languidez parece haver tomado a sociedade.

Qual será o desenlace, qual a explosão d'esta conjunctura de anciedade? E' uma terrivel questão, que se fazem os homens pensadores, e a que não podem responder; porque entre o presente e o futuro proximo existe um véo negro e opaco.

Os successos parlamentares da semana vieram pôr em relevo esta indifinivel situação. A indole do systema constitucional está falseada: o governo tem antes exercido uma dictadura, do que uma administração: tem imperado muito pela vontade e pouco pelo programma, parece que tem antes um egoismo a sustentar, do que uma idéa regeneradora a salvar.

A camara temporaria acha-se desfalcada: acha-se

de facto encerrada. A reforma da justiça continua na mesma anarchia: é um dedalo inextrincavel, para sahir do qual não ha sio de Ariadene que seja bastante. A educação e instrucção publica continua no mesmo pé de acanhamento, não obstante o homem prestigioso, que podia secundar a reforma regeneradora do governo. Continuam n'este particular os abusos sob outra forma: o povo não acredita ainda no ensino do estado, e a instrucção é ainda em grande parte exposta nos balcões da especulação egoistica. A idéa da colonisação tem sido um circulo vicioso, do qual ainda não se pôde sahir: a agricultura definha: o commercio luta com embraços, a industria está morta, o povo sente fome.

No senado um ancião respeitavel, uma das paginas vivas da historia do primeiro imperio, pronunciou-se de uma maneira muito significativa; e essa voz não deve ser suspeita porque não é um candidato ás pestas do poder, é um dos genios tutelares da nação, é uma d'esses vultos veneraveis, um d'esses caracteres epicos, que enobrece o Areopago dos anciões da patria.

Eis aqui a historia politica da semana: ella pedia as paginas de un grande livro, não os estreitos limites de uma folha acanhada, como é a nossa.

Mas sirva o que acabamos de escrever, como um testemunho não equivoco do receio que nos inspira a actual situação politica do paiz.

Melhoramentos materiaes.

O desenvolvimento material da época em que vivemos, o entusiasmo com que se acolhem todas as empresas sociaes que se interessão no melhoramento do paiz, nos leva a escrever hoje sob esta epigraphe, já enobrecida pelas publicações de uma intelligencia culta e abalizada. (*)

Além d'isto, a necessidade urgente, que se nota por toda a parte, de melhorarmos as nossas vias de communicacão, bem como os nossos monumentos e habitações, até então sujeitas ao calculo especulativo das vantagens individuaes, sem o menor vislumbre do bem commun, do embellecimento do paiz, nos desculpará a ousadia de entrarmos n'esta questão tomando assim *pro hoc vice* o gladio da mão de mais habeis contendores.

Um paiz novo na sua civilisação e no seu caminhar politico precisa de aproveitar toda a accão energica e proficia, para o bom resultado de todas as suas idéas de progresso, porque n'un tempo em que o credito publico está no melhor pé pos-

sivel, em que as empresas surgem uma após outro sem obstaculo plausivel é necessário que os homens honestos e sensatos, que se apresentão á frente d'este desenvolvimento de reforma, não fiquem abandonados no campo do combate, esgotando sem proveito os seus esforços productivos.

E pois é preciso attendermos áquelles que, sacrificando seu bem estar e sua fortuna, buscam a felicidade geral, despresando os falsos patriotas que fugindo do trabalho só se occupam de analysar as obras feitas, chaminando em seu auxilio as vozes de um patriotismo esfarrapado e sujo, que causa tedio e compaixão...

O acolhimento que teve a organisação da *Companhia Reformadora*, é a nosso ver a mais eloquente prova do espirito progressista do nosso povo.

Acostumado a sofrer todos os obstaculos inherentes á vida em um paiz baldo de accommodações, a nossa população abraça com fervor toda a idéa benficiante, toda a associação generosa e util.

A' vista d'estas razões bascadas na verdade de factos conhecidos, não seria fóra de propósito e das conveniencias mercantis a organisação de uma nova companhia que, tomando a si uma parte do embellecimento da cidade, começasse os seus trabalhos pela reconstrucção das ruas de S. Pedro e Sabão não só na parte velha; mas também sobre o atterado, creando assim uma nova cidade fóra dos prejuízos e loucuras que derigiram sempre as edificações da primeira, em que só a utilidade de momento era attendida.

As vantagens que resultariam d'esta reforma, que spontamos e que qualquer intelligencia facilmente comprehende, podiam sem dificuldade ser mathematicamente conhecidas se algans homens amantes do trabalho e da gloria se quisessem incumprir d'esses insaios.

Não faltão moços de reconhecido talento, engenheiros e architectos habeis, capases de fazerem d'esta cidade humida e suja uma capital digna da primeira nação do novo mundo.

Regularizar as praças, endereitar as ruas tanto quanto fôr possivel ao nosso estado, construir casas decentes compatíveis com a nossa civilisação, sujeitas ás regras da arte, não é tão difícil como se apresenta. Quando uma vontade forte, um braço poderoso e energico está á frente de uma tal missão, os tropeços desapparecem, os obstaculos vencem-se e tudo caminha regularmente, sem aparato nem louvores. Ahi estão os hospícios da Mizericordia que José Clemente Pereira levantou do nada com a magestade do seu genio, com os fructos de

(*) Vidi o n. 23 da Semana.

suas fadigas; e quando a voz da calunia pretendia manchar a philantropia de seus actos elle apon-tando para as longas paginas do livro architectonica exclamava—eis ali a minha historia.

Para o bom desenvolvimento da nossa idéa muito pôde influir a Camara Municipal; foi d'ella que partiu o bello pensamento da abertura da rua do Cano, foi do espirito activo do Sr. Haddock Lobo que sahio esse pensamento magestoso, esse primeiro ponto de partida da reconstrucção da cidade.

A eleição bate á porta, os cidadãos apresentão-se para ocupar esses lugares de honra, e é preciso saber escolhe-los, para que este municipio não estacione no desenvolvimento de que tanto precisa.

Seja a camara composta de homens activos, amantes do progresso e dos nossos melhoramentos materiaes, seja composta de membros como os Srs. Haddock Lobo, Mesquita, Costa Velho, Fontes, Fausto e outros d'este genero, e veremos então se o paiz, incetando novos trabalhos, reformas uteis e prudentes, chegará ou não á altura que lhe compete, á posição de capital de um grande imperio.

PARTE NOTICIOSA.

Correspondencia de Londres.

CARTA IX.

Teve ha pouco logar n'esta cidade um meeting o qual traduz mui fielmente a originalidade dos costumes da vida ingleza; foi uma reunião de condenados que acabaram de cumprir sentença. (*Ticket of leave men.*) Havia sido convocado por Mr. H. Kayhew, auctor de uma obra intitulada *Do trabalho e do pauperismo em Londres*. A intenção com que aquelle humanitario escriptor convocou esta gente, foi offerecer aos individuos das classes pobres, mas não pervertidos, que desejem mudar de vida, occasião de explicar-lhes as dificuldades que lhes embargam os esforços com que tentam ganhar honradamente a sua subsistencia.

Ninguem era admittido sem apresentar primeiro um documento de como havia cumprido a pena que lhe fôra imposta, e á entrada eram convidados a irem inscrevendo n'um livro, os seus nomes, idades, occupações, crimes ou delictos por onde tenham sido condenados, castigos que lhes foram impostos, e o genero de instruções que tinham recebido. Dos cincuenta individuos que se haviam apresentado a Mr. H. Mayhew apenas tres tinham mais de 40 annos, tendo o mais velho 68, e a

maior parte não passava de 18 a 35 annos, a maioria d'elles eram trabalhadores, pregoeiros, serralheiros, sapateiros, vendedores de hortaliças, carpinteiros, finalmente homens empregados em serviços braçaes. As condenações eram entre 2 e 14 annos de trabalhos publicos. Mais de metade havia recebido uma educação elementar nas escholas diurnas e nas dominicaes. Supondo que estes homens não acudiriam ao seu convite se a policia se apresentasse ou na sala da reunião, ou á porta da entrada, havia Mr. Mayhew tomado previamente a precaução de se dirigir aos commissarios da policia, e obteve pleno consentimento ao pedido que lhes dirigira, de maneira que a nenhum agente de policia foi permitido assistir ao meeting.

Mr. Mayhew, expôz ao seu auditorio o objecto da convocação; o seu pensamento era que a formação de uma sociedade constituída de pessoas honradas, podia minorar notavelmente os obstaculos que se lhes oppõe, quando elles reclamam trabalho. Convidou aquelles dos seus ouvintes que podessem apresentar algumas observações uteis, a subirem á tribuna, e fallarem d'ahi aos seus companheiros de infotunio, a linguagem da verdade. O primeiro orador, rapaz muito novo, disse, que depois de ter sido condenado a 7 annos de trabalhos publicos, o soltaram. Levava apenas dez libras na algibeira, sem saber como havia de ganhar a sua vida, nem possuir documento algum com que pudesse atestar a sua moralidade. Apenas se vio á solta, um sujeito que se fez muito seu amigo, por causa das taes dez libras provavelmente, offereceu-lhe um copo de rhum, atraz deste outro, e como havia muito tempo não bebia senão agua fresca entrou-lhe a andar a cabeça á roda, deixou-se dormir muito honradamente no meio do chão, e quando abrio os olhos tinha as algibeiras limpas. Caminhou para Londres, sem dinheiro e sem amigos, que havia de fazer? Depois de ter inutilmente procurado trabalho, aperrou outra vez as interrompidas relações com os seus antigos companheiros das patuscadas, fez-se ladrão, e veio a ganhar com o officio umas 9 a 10 libras por semana, mas antes quizera ganhar só uma com honra, e pelo trabalho das suas mãos. A justiça que não dorme o condenou novamente a um anno de cadeia, que ha dias acabou de cumprir; o seu maior desejo é ser honrado, mas faltam-lhe meios de subsistencia e trabalho que lh'os assegure, porém se os chegar a conseguir, promete emendar-se.

Obtem a palavra outro orador; é vendelhão ambulante, de seus 25 annos de idade; ficou orphão

aos 10 annos ; começou a sua carreira mercantil por vender laranjas pelas ruas, mas em breves audiencias, travou conhecimento com um larapio da sua idade, que dentro em pouco o comprometeu a tal ponto, que se acha condemnado a 7 annos de prisão. Quando acabou o tempo entrou a negociar com peles de coelho, mas a polícia que andava com o olho n'elle, tanto o perseguiu, e tantas vezes lhe lançava em rosto as suas primeiras proesas, que muita virtude lhe foi necessaria para não rebentar de vergonha. Está em mendado, e casou ha 15 mezes ; mas acha-se em pessimas circunstancias. Declarou querer ajudar com todas as suas forças, os que querem mudar de vida, e entrar no caminho da honra. Conhece as dificuldades por isso as avalia.

O terceiro orador disse ser canteiro, e ganhar actualmente a sua vida, sem maior fadiga, fez profissão da sua boa vontade, e declarou estar prompto para auxiliar como podesse os seus infelizes companheiros.

Era catraeiro o quarto orador, já não é creança ; declarou ter sido vítima de um erro judicial, em consequencia do que foi sentenciado a 14 annos de cadeia ; lá de tarde em tarde aparece-lhe alguma cousa que fazer, mas n'este momento, não tem em que dar ordem á vida, o que declarou com toda a franqueza ; depois de se chorar muito foi tomar o seu logar.

O quinto orador, finalmente, serralheiro, estropiado, queixou-se dos máos tratamentos que se passam nas cadeias, e acrescentou que se não tratassem de reformar quanto antes taes espeluncas... lá mais para adiante seria impossivel.

Mr. Mayheu, agradece aos oradores, anima-os com a esperança de melhor sorte, e dá-lhe os parabens pela boa ordem que reinou na assembléa ; retiraram-se todos em boa paz, e com grande satisfação.

Seu credado,
JORGE THOMPSON.

Instituto catholico.

O Instituto Episcopal Religioso, sob a presidencia do Sr monsenhor Antonio Pedro dos Reis, reuniu-se em sessão ordinaria, e depois de votar o parecer da respectiva commissão de reforma de estatutos, foi organisada a directoria que tem de funcionar até ao dia 3 de maio de 1857, anniversario do Instituto Episcopal Religioso, que passou a denominar-se para todo o sempre INSTITUTO CATHOLICO DO BRASIL sob o protectorado de S. M. a

Imperatriz, sob os auspicios do Sr. Bispo deocesano e presidencia honoraria do delegado apostolico.

A directoria ficou organisada da seguinte maneira. Presidente monsenhor Antonio Pedro dos Reis, vice-presidente conselheiro Alexandre Maria de Maris Sarmento, secretario geral Francisco Manoel Raposo d'Almeida, secretario adjunto Boaventura Delphim Pinto, thesoureiro Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, conselheiros dez. Antonio Joaquim de Siqueira, D. Manoel d'Assis Mascarenhas, padre provincial de Santo Antonio, chefe de divisão Joaquim José Ignacio, Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras, prior do mosteiro de São Bento, sub-prior do convento do Carmo, Dr. Antonio Rodrigues da Cunha, Dr. Manoel Pacheco da Silva e Dr. Candido Mendes d'Almeida.

Leram-se officios dos Srs. arcebispo da Bahia, bispo do Maranhão, bispo de Buenos-Ayres, bispo deocesano, nuncio apostolico, Dr. Torres Bandeira, e Jaime Maria LLavallol de Buenos-Ayres.

Deu-se para ordem do dia, o breve de Pio IX ao clero da Austria, e o parecer do Sr. arcebispo da Bahia sobre a guarda dos domingos.

Opinião litteraria.

O Sr. P. de Calasans publicou n'uma das folhas diarias um esboço critico litterario á cerca dos *Suspiros poeticos e Saudades* do Sr. Domingos José Gonçalves de Magalhães. Não podemos concordar com a opinião do illustrado critico, em quanto dá o Sr. Garret como o Lamartine de Portugal, como o creador da nova escola poetica n'aquelle paiz. A poesia lamartiniana teve dois introductores em Portugal : foi o Sr. José Freire de Serpa Pimentel nas *Memorias do Bussaco* e o Sr. Alexandre Herculano na *Harpa do Crente*. A poesia do Sr. Garret tem uma indole e caracter proprio, como a do Sr. Castilho . a d'aquelle pode dizer-se á Fylinto Elysio, a d'este á de Bocage.

Tambem não concordamos com a sua opinião de ser o Sr. Gonçalves Dias o Garret do Brazil, e por consequencia o nosso Lamartine. O Sr. Gonçalves Dias poderá ser o imitador de Victor Hugo, mas nunca de Lamartine : a poesia d'aquelle é retinta de paixão e imaginação, a d'este d'uma unção e d'uma suavidade poetica : aquelle arrebata a imaginação, este deleita o coração.

Não concordamos ainda na sua opinião de ser o Sr. Magalhães mais dramatico do que o Sr. Gonçalves Dias. O Antonio José deve a sua reputação em

grandissima parte ao artista, que o executou. *Leonor de Mendonça* tem muita seiva e acção dramática.

Por ocasião de apreciarmos o artigo do Sr. Calans, ocorreu-nos estes leves reparos, que lhe oferecemos como testemunho do apreço, que nos merece o seu talento e eruditio escripto.

Um escandalo á moral.

Uma folha diaria notícia, que na ultima festa de São Roque, em Paquetá, se déra alli um facto que depõem altamente contra o nosso espírito religioso. No cemiterio ergueram-se barracas de comes e bebes, e nos braços da cruz expuzeram galinhas, empadadas, garrafas, etc.

O cemiterio é um lugar tão sagrado nas nações civilisadas, como se fôra o proprio sanctuario : as pessoas que os visitam levam os seus chapéos nas mãos, e não fallam, porque taes logares só convidam á meditação. Tem-se notado que ha factos de profanações de igrejas, mas não de cemiterios : os tumulos tem a sua religião e o seu culto.

O facto, pois, a que nos referimos é um escandalo que denuncia a indiferença religiosa, que lavra no povo, e que tão funestas consequencias pôde trazer á derrançação da moral publica e da moral domestica.

Ou temos ou não temos uma religião do estado. Se essa religião é a cathólica, porque não hão de as autoridades fazel-a acatar, e respeitar, ao menos exteriormente? O que faria a autoridade policial da ilha? Onde estava o parochio que não prohibio, que não protestou contra este escandalo, contra esta profanação ao jazigo dos mortos?

Talvez que se um homem do povo passasse pelo tilão do inspector, e não se desbarretasse, que fosse preso ; talvez que se o freguez espiritual devesse os benczes de um baptizado fosse reprehendido asperamente ; mas para o escandalo de converter-se o campo sagrado dos mortos em circo de bacanaes, nem a autoridade teve uma providencia a favor da moral publica, nem o parochio uma palavra a favor da moral religiosa.

A indiferença, em materia de religião, é um abysmo que vai devorando a sociedade : Deos é que sabe até onde chegarão as suas consequencias.

Notícias artisticas.

Achão-se expostos na rua do Ouvidor em casa do Sr. Bernasconi duas bellas paysagens a óleo pintadas pelo Sr. C. Lind, habil artista alemão. As suas obras, de um bello efecto de toque e de luz, farão sem duvida epocha no paiz, se o Sr. Lind, inspirado pela magica harmonia de nossas florestas poder dar aos seus novos trabalhos essa doce poezia que as caracteriza, essa côr local que faz o encanto dos painéis do Sr. Motta.

O risco do arco da sociedade dos Artistas Nacionais é feito pelo Sr. Camillo da Silva ; que o está construindo. Apezar de simples, e livre do mathematical das regras da arte, não deixará de agradar, principalmente sendo, como se diz, illuminado a gôz.

Está incumbido da decoração do theatro de S. Pedro d' Alcantara o Sr. Joaquim Lopes de Barros Cabral, professor da Academia das Bellas Artes e pintor do theatro lyrico.

A reputação que gosa o Sr. Lopes de habil desenhador e de fecundo talento é uma dupla garantia para o novo theatro, que terá mais uma ocasião de mostrar ao publico d'esta corte as scenographias do autor da sala das *Esmeraldas*.

Alguns artistas devotados ao amor da gloria, e ao progresso d'este Imperio tratão de organizar n'esta corte uma *Sociedade Propagadora das Bellas Artes*, com o sim de popularizar os conhecimentos plastico-artisticos de que precisão todos os cidadãos.

Fazemos votos pela sua prosperidade, e oxolá não seja ella mais um esforço perdido, mais uma d'essas flores ephemeras que, abertas na manhã de um dia, não chegão a ver o sol no seu occaso dourar o cume das montanhas.

Folgamos poder certificar que o plano do Sr. Bitencourt da Silva para a reedificação dos predios da rua da Cano foi o adoptado. Este trabalho do talentoso e habil artista reune a elegancia á simplicidade : reune o util e o agradavel : reune a barateza á solidez e ao bello.

Os trabalhos respectivos acham-se expostos na casa do Sr. Ruqué, na rua do Ouvidor.

REVISTA SEMANAL.

Revista semanal.

Os dias da semana escoaram-se insipidos, monotonos, e sem espectaculos ou festas que mereçam as horas de especial mensão.

O povo e a alta sociedade não tem as necessarias e convenientes diversões : os nossos habitos caseiros parecem uma tunica de Neso, que não podemos dispir. Realmente, onde estão os encantos que oferecem os outros paizes da Europa, e mesmo da America? Que é dos nossos clubs com a devida concorrência, que é dos jardins publicos para os passeios diarios, que é dos caes, para respirar a brisa maritima das noites calmosas, que é dos castellos, que é das quintas de recreio? Nada d'isto temos.

O que temos não é bastante a satisfaçao as aspirações de uma população como a do Rio de Janeiro ; mas isso mesmo está a interromper-se. A estação dos bailes, das festas, dos deliciosos dilirios, das reuniões familiares está a findar, e em seu lugar ahi nos vem o calido verão, e quem sabe se alguma epidemia ?

No entanto vamos a registrar o que se deu na semana; e deitemos o coração á larga

O baile da Phileuterpe não teve lugar no dia 23 como estava destinado, em consequencia do encommodo de S. M. a Imperatriz. Foi um testemunho de consideração mui applaudido, por que a Imperatriz do Brazil é considerada não tanto como soberana, mas como mãe e amiga dos brazileiros. Ella reina pelo amor no coração dos seus subditos. Quantos tem a fortuna de conhecê-la de perto não acham expressões, com que pintar os dotes angelicos d'aquelle alma virtuosa. A esposa carinhosa, a mãe terna e desvelada, a senhora modelo de urbanidade, a dama de elevado espirito, a sacerdotiza da caridade, todas estas nobres qualidades reune a imperatriz do Brazil. Não consta que aos seus ouvidos chegassem a notícia de lagrimas que correm, de angustias que dilaceram, que ella não fizesse estancar e minorar esses sofrimentos com o balsamo da consolação. A sua liberalidade é sem limites: ella muitas vezes fica sendo a pobre, por que os seus thesouros pertencem aos necessitados.

Quando uma tal senhora sofre, sofrem com ella todos os corações. O seu ultimo encommodo produziu anciedade, e o paço de São Christovão tornou-se um lugar de romagem.

Folgamos poder annunciar que a sua preciosa saúde se acha restabelecida.

Tratou-se esta semana de um novo banco de descontos, á testa do qual se acham capitalistas de primeira plaina. Com este é o septimo ou oitavo banco, que se organisa n'esta corte: oxalá que seus estatutos não vão dormir nos gabinetes das secretarias d'Estado.

Brevemente aparecerá uma nova *Revista Brasileira*: as pessoas, que estão inscriptas para redactores são reconhecidas como verdadeiras ilustrações.

Acham-se no prélo algumas traduções literárias, e varias composições musicas.

O Sr. Dr. Salustiano vae publicar alguns artigos sobre administração.

Espera-se até ao fim do corrente mez a Sra. Condessa de Barral; os seus aposentos estão preparados com todo o gosto para receber S. Ex. no paço de São Christovão.

O publico inteiro prepara-se para applaudir com entusiasmo o dia 7 de Setembro. A Sociedade Ypiranga é a que mais festejos pretende apresentar.

O discurso do Sr. D. Manoel no Senado, assim como o do Sr. Pimenta Bueno tem chamado a atenção do publico que tem applaudido os talentos

e illustração d'estes ornamentos da tribuna brasileira.

Não foi embalde que dissemos, que no Rio de Janeiro se sente muito a falta de estabelecimentos para recreio publico e que offereção uma distração publica. O Sr. engenheiro Luiz Cot d'Ordon apresentou n'esta semana um plano para a organização de uma companhia n'este sentido. Segundo seu projecto terá ella um fundo de mil contos de réis, devidido em 500 acções. Louvamos e applaudimos a idéa, a qual não poderá deixar de ser bem aceita, se sór realisada.

A Associação de Caridade, em sessão d'esta semana, assentou dar um baile em beneficio da pobreza, e pedir a S. Exa. Rvm. um Chrisma para igual fim.

Fazemos votos para que sejam coroados de bom exito os empenhos da digna directoria; e que do seio d'esta mesma associação nasça uma outra para amparo da infancia desvalida.

O Instituto Historico celebrou no dia 22 a sua decima sessão, que foi honrada com a augusta presença do Imperador. O Sr. Dr. Capanema leu a interessante analyse da viagem do Dr. Budmeister: que em 1851 viajou no Brazil. O Sr. Dr. Capanema com espirito fino e delicado destruiu todos os erros do viajante, que tão mal descreveu o nosso paiz. O Instituto Historico vae prestando muito bons serviços ás letras patrias, á nossa historia e geographia: durante estas dez sessões importantes memorias tem sido lidas, e outras tem de ser lidas por varios socios, que estão escriptos. E é perciso não esquecer uma consideração: é perciso, que com orgulho repitamos muitas vezes para que o saibam as nações d'alem mar, para que o não ignorem todos estes que nos vem visitar, e voltão adulterando a verdade, pintando o paiz diferente do que elle é: é mister que saibam os Chavanes que o primeiro templo das letras é na casa do Imperador do Brazil, que honra todas as suas sessões; e que o presidente do Instituto é o sabio Visconde de Sapucayah homem a todos os respeitos digno da maior veneração.

O Sr. Dr. Capanema na escola militar no atrahio dia 27 do corrente a atenção de todos quantos passaram pelo Largo de S. Francisco de Paula e Rua do Ouvidor. Uma experiençia de luz electrica produziu realmente um efecto magnifico. A cõr da luz assemelha-se á do luar, era um verdadeiro pharol. Dizem, que para o baile do dia 9, dado pelos militares terá lugar a renovação da experiençia.

Alguns Senadores tem adoecido durante a semana, felizmente vão melhorando menos o Sr. Marquez de Valence, que está findando seus dias.

O Governo expedio as instruções para a execução da lei da reforma. Corre que ha mudança de presidentes, e remoção de outros; affirma-se, que o presidente do Rio Grande do Norte está demitido.

A sempre applaudida *Norma* deu terça feira uma nova enhcente no theatro lyrico, a parte de Polion representada por Tamberlick ganhou, interpretada por elle, extraordinario relevo.

Expediente.

A Semana publica-se regularmente aos domingos. Assina-se na rua do Hospicio 263, e n'esta typographia a 6^o por semestre e 3^o por trimestre.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.